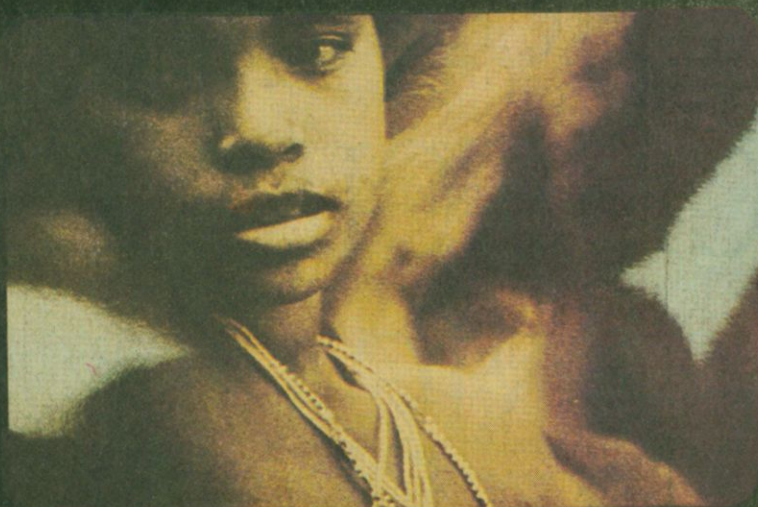




ÍNDIO, CÂM



Os 500 anos da descoberta da América se aproximam. Descobrimos de quem? E do quê? As florestas foram devastadas. Novos descobridores - antropólogos, fotógrafos, sertanistas - voltam os olhos hoje para elas e seus habitantes. Documentam o que restou. São unânimes: as florestas e os indígenas devem ser preservados. De repente, a mídia chega ao índio. Contradições da História. O índio, ancestral ocupante da selva, dela se serviu durante milênios, manteve ecossistemas, desenvolveu uma ciência do seu ambiente e soube preservá-lo. Com o extermínio dessas nações talvez se percam para sempre as chaves de acesso a esse universo e sua perpetuação. Preocupado, ele se arma. Empunhando uma câmara, registra o

A sabedoria do índio, seu conhecimento íntimo da natureza, ainda se preservam em vastas regiões do País. Se o índio desaparecer, perderemos a chave desse conhecimento e fecharemos as portas para a perpetuação de uma enorme riqueza. O antropólogo Darcy Ribeiro diz como será o índio no próximo século e aponta o caminho para evitar o total desaparecimento do nosso último elo cultural com a natureza.

A AMERÍNDIA DO 3º MILÊNIO

‘Eu estou chegando do México, de Chiapas, uma das sedes da Nação Maia. Estive lá uma semana inteira com índios de todas as Américas e com antropólogos também. A reunião era alegre porque as coisas melhoraram um pouco para os índios, mas a reunião era também triste porque são imensos os problemas e os sacrifícios dos índios. A alegria vem da certeza de que vai haver mais índios no futuro do que há agora e que serão muito diferentes. A única forma do índio permanecer é ir mudando, para sobreviver, para se adaptar. O tema da reunião do México era ‘Ameríndia no 3º Milênio’. Um encontro feito sobre a ideia do sentimento dos 500 anos da descoberta da América, da invasão da América e, daquilo que mais nos preocupava, ou seja, o que vai se suceder com os índios nos próximos 500 anos. Nestes 500 anos haverá alguma coisa parecida com o que nós chamamos de índios? Eles serão muito diferentes! Nós também seremos muito diferentes. Mas há uma continuidade incrível, que com todo o sacrifício eles mantêm. Todas as pestes foram usadas para destruir os índios, para dizimá-los — guerra de extermínio, contaminação proposital com enfermidades, escravidão, evangelização (que é a destruição da alma) e o roubo de suas mulheres, prenhas por estranhos, parindo filhos mamelucos, que não se identificam com elas se convertiam em seus castigadores. Apesar de tudo isso, quando a gente olha para a América em conjunto vê que alguns milhões deles sobreviveram e que muito poucos têm a possibilidade de continuar mantendo a cara ainda que com aquelas alterações. Um só povo, a mais velha civilização, os maias, é tão numeroso que há uma possibilidade de existir no futuro uma Nação Maia, no dia em que eles se livrarem dos crioulos, mulatos e dos mestiços deles mesmos, que os oprimem hoje muito mais do que Espanha ou Madri oprimiam no passado. Mas eles são tantos milhões falando uma língua, em vários dialetos mas uma mesma língua maia, recordando a grandeza da civilização que eles foram, que há esta possibilidade. No altiplano andino há milhões — 10, 11 milhões de índios — descendentes da civilização incaica. Eles estão quebrados com as miscigenações, falsas nações — Peru, Bolívia, Equador — que dilaceram o corpo de milhões de aimaras, mas eles estão lá, prontos, primeiro para defender o direito de sua

autodeterminação e, quem sabe, também, para provar a eles mesmos a possibilidade de, um dia, existir outra vez uma nação incaica. Outros grupos muito numerosos existem no México, mas já estão tão rodeados de gente que tendem a ter cada vez mais o modo de ser dos mexicanos. No caso do Brasil, os índios são tão poucos, dois índios para cada mil brasileiros. Nós gastamos 6 milhões de índios. Restam-nos algo como 300 mil índios — pedem tão pouco de nós: um pedaço de terra suficientemente grande para que possam manter seu modo de viver e de ser. A coisa de que mais me orgulho na vida é ter ajudado a fazer o Parque Indígena do Xingu, 4 milhões de hectares. Eu disse ao Getúlio Vargas, insisti: ‘Estão queimando o Brasil’. Todo ano há queimadas. Os fazendeiros estão tomando conta de tudo, convertendo toda floresta em pastagem. A única forma de reservar é pegar um pedaço grande e não deixar ninguém entrar, e entregar aos índios. Só aos índios, para que possam comer macaco e peixe. Eles tomarão conta, e os

ma, nos ensinaram. Dos índios, nós recebemos duas coisas preciosas: este patrimônio cultural enorme de sabedoria, de adaptação ecológica, com o qual os portugueses, que sabiam viver na Europa, no clima europeu, puderam viver aqui, e uma segunda coisa, igualmente importante, que foi o patrimônio genético. O primeiro brasileiro é filho de uma índia prenha por um branco, que tem um filho chamado mameluco, que não se identifica com ela; não se identifica como índio ainda que só saiba falar a língua indígena, mas que não é reconhecido pelo pai como igual. Esse ser que não é ninguém é que é o primeiro brasileiro. Com uma herança muito mais indígena do que europeia. Eu suponho que umas 200 mil mulheres indígenas foram capturadas, caçadas, no primeiro século para fazer o primeiro milhão de brasileiros. Então, nós carregamos em nós, na mente, essa herança da sabedoria indígena, e no corpo este ser nosso de um povo moreno, fundamentalmente indígena, que depois se lavou, se temperou também com carnes, com genes africanos e europeus. E, de certa forma, nós somos uma das somas da indianidade. É a indianidade ocidentalizada, europeizada que nenhum europeu toma como igual a ele. Sabem a simples vista, que nós somos outra coisa, que somos povos mestiços.

Ninguém defende os índios senão os índios mesmos. Não são antropólogos, não são missionários, não são funcionários burocratas da Funai. São eles.

E a coisa bonita de ver é surgir gente como Raoni, que é aquele índio com aquele botoque imenso na boca que vai falar com o rei da Espanha, vai falar com quem quer falar. É um novo Juruna, mais energético, mais dono de si mesmo, certo de que os brancos são os bandidos, que são eles, os índios, os destruídos e que precisam se defender. Não tem nada da humildade que acabamos com os Tapirapé, com tantos outros povos humildes que se deixaram esmagar.

Veja os Yanomami! Veja essa humildade! Essa não agressividade! A chance de sobreviver seria um pouco de agressividade. Mas como eu não posso pedir guerra, eu que sou um homem de paz, como posso consolar meu coração em ver tantos povos desaparecer? Mais de cem povos, cada um com sua língua, com seus usos e costumes, com sua certeza de que Deus os fez como seu filho preferido, cada um certo de que eles eram a gente verdadeira.

Mais de cem povos completos nós destruímos. Se a Humanidade toda desaparecesse, eles podiam sobreviver para criar uma nova civilização, diferente da nossa, a partir do que eles eram. Mas agora estamos todos no mesmo barco. No

O índio abre os olhos para uma nova realidade e docum



A caça entra em declínio com a

netos dos netos dos nossos netos, no ano 3000, vão poder ver o que foi a natureza, a natureza brasileira original”. Mas esta conversa tinha um ouvido que era capaz de ouvir, que era o Getúlio. Hoje, nós estamos pedindo a mesma coisa para os Yanomami. Os Yanomami são o maior e mais numeroso povo silvícola do mundo, uns mil, uns poucos mil, dez mil — uns tantos no Brasil, uns tantos na Venezuela. Igualmente, a única chance deles sobreviverem é preservar uma área grande, suficiente para que eles vaguem por ela. Mas esta área está invadida com a convivência de burocratas, por toda sorte de gente — por garimpeiros que não só chegam lá para violentar suas mulheres, para castigar aquela gente, maltratar, mas também para apodrecer as águas, poluir os rios com mercúrio, estragar aquele mundo que podia, que precisava ser preservado.

A gente sempre se esquece de que os índios é que nos ensinaram a viver.

A solução para criar uma civilização nos trópicos — que é o que nós estamos fazendo ou tentando fazer — nós aprendemos com os índios. Foram eles, vivendo aqui por milênios, que catalogaram a natureza dando nome às coisas, que descobriram seus usos e que, de alguma for-

mesmo barco cada vez mais podre. Se afundar, não vai ter ninguém para reproduzir. Esses povos estão sendo esmagados, destruídos. A ameaça pior que pesa sobre os índios começou com a tribo que mais contribuiu para o Brasil — os Guarani. É um desengano! Muitos povos índios podem chegar ao ponto em que creem que não vale a pena viver. Eu ouvi um índio Kaapor dizer que tinha visto seu pai, já morto, num sonho e queria ter com ele. Ele deitou na rede para morrer. Não fez nenhuma violência com seu corpo e morreu. Agora os Guarani estão se suicidando. Não têm aquela força que os Kaapor têm — de pedir a morte e morrer —, mas têm a coragem, o desespero de usar um cinto, um pedaço de corda e se esforçar. São rapazes e moças de 14, 20 anos que se matam porque a vida não vale a pena — a vida que nós damos a eles. Sobrevivendo numa região próspera como Dourados, MS, de fazendeiros ricos que os detestam, que não os compreendem, não compreendem aquele povo que converteu o próprio mito da criação em mito da morte. Um mundo assassino, violento, que os considera bichos, animais e que os trata com toda brutalidade. Salvá-los, eu me

pergunto, como? Convencê-los de que vale a pena viver? Ao lado de todos os que os detestam, para pedir que tenham um olhar mais amigo, mais fraternal, mais solidário?

Tudo isso me dá tristeza. Depois de 40 anos de convívio com os índios, o pouco contentamento que dá é o fato de que eu estive todos estes anos ao lado dos índios. Aparentemente fiz alguma coisa por eles, mas, na verdade, foram eles que fizeram por mim. Eles deram à minha vida dignidade, um sentido ético de estar ao lado destes povos oprimidos, sofrendo sua dor e, quando possível também, gozando suas alegrias. Isto eu vi nos muitos e muitos anos que convivi com os índios. A dor que eles sofrem e o gosto que eles têm de viver. É uma gente estranha, rara, uma gente que está contente com cada prazer que pode ter, que agradece a boca rica que Deus deu a eles, capaz de sentir o azedo, o amargo, o doce e todas as tonalidades de gos-

o que esta vis



O contato intenso do Yanomami com o branco deu-se a partir da década de 70, com a abertura da Perimetral Norte.

PROTAGONISTAS

□ POR EDA TASSARA

consciência do “outro”, com os limites e riscos que dela derivam.

A coletânea subdivide-se em quatro capítulos. O primeiro, “Notícias dos povos indígenas”, composto de fragmentos de depoimentos de Aylton Krenak, Sydney Possuelo, Anine Surui, Sehirope Gavião e Orlando Villas-Boas, oferece um caleidoscópio de visões sobre a situação do índio brasileiro. O segundo, de autoria de Helena Tassara, oferece informações sobre a mostra de documentários que compôs a programação do I Ciclo. Tendo a imagem do índio como fundamento, este capítulo suscita reflexões sobre a rede de interesses que se movimenta em vasta área da América do Sul. O terceiro, “A resistência Kayapó e os processos de documentação das realidades indígenas”, transcreve debates ocorridos durante o encontro de documentaristas promovido pelo I Ciclo, com a finalidade de analisar o uso progressivo das câmeras de vídeo pelos índios, revelador de novos conhecimentos sobre os modos de representar e de se representar. Discutindo a questão de atualidade de os índios estarem documentando os traços de sua história, reconstruindo e repre-

sentando autonomamente a própria memória, analisa relações entre política e história na dinâmica da vídeo-revolução. Por último, o quarto capítulo traça um panorama datado (julho de 1990) da questão Yanomami, através de textos de Alcida Rita Ramos e Claudia Andujar, e da transcrição do desenvolvimento do fórum político “A questão Yanomami e suas relações com o Estado Brasileiro”, do qual participaram respeitáveis políticos, cientistas, juristas e jornalistas, militantes da causa Yanomami.

A autora é professora do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. Organizadora do livro.

O Índio/Entem, Hoje, Amanhã. Dossiê do I Ciclo. Coletânea de depoimentos, documentos e ensaios de Adrian Cowell, Alcida Rita Ramos, Andrea Tonacci, Anine Surui, Aziz Ab'Saber, Aylton Krenak, Cacó Mesquita, Carlos Alberto Ricardo, Carolina M. Bori, Celso Maldos, Charles Vincent, Claudia Andujar, Cláudia Villas-Boas, Darcy Ribeiro, Eda Tassara, Eugénia de Aragão, Gustaaf Verswijver, Heinz Forthman, Helena Tassara, James Marshall, Jessco von Puttkamer, João Luiz Araújo, Kim Abiet, Lode Cafmeyer, Macsuará Kadiweli, Marcello G. Tassara, Maria Aparecida da Silva, Maureen Bisilliat, Michael Beckham, Mônica Teixeira, Orlando Villas-Boas, Renato Bulcão, Renato Pereira, Roberto Baruzzi, Roseli Galletti, Ruy Lima, Sehirope Gavião, Sérgio Bianchi, Severo Gomes, Sila Kaxinawa, Sydney Possuelo, Tapiré Kayapó, Terence Turner, Vincent Canelli, Volkmar Ziegler e Yoshikuni Takahashi. Organização de Eda Tassara. Coordenação de Maureen Bisilliat. São Paulo, Memorial da América Latina em co-edição com a EDUSP-Editora da Universidade de São Paulo. 165 páginas.

ARA, AÇÃO.



que acontece, dialoga. O índio doma a mídia. Contradições da História. O índio passa de objeto da documentação a sujeito dela, intérprete de sua própria realidade, com a mudança do eixo da câmara.

Uma ampla amostra de imagens recolhidas dessa experiência documentou essa passagem. Foi apresentada pelo Pavilhão de Criatividade do Memorial da América Latina, em São Paulo, em junho e julho de 1990. A preocupação em registrar a inversão do eixo de percepção da realidade indígena ficou também documentada em livro, em obra co-editada pela Edusp, a ser lançada na próxima terça-feira.

(veja resenha no box)



enta, de câmera na mão, sua aspiração de sobrevivência.



os Yanomami
invasão de seu território

tos; os ouvidos capazes de perceber os sons, dos mais vibrantes aos mais suaves, dos mais estrondosos aos mais líricos, aos mais melódicos.

Para o índio, o corpo é a dádiva de Deus, sua divindade, que deu a ele para ser usada e gozada. Há uma alegria de viver, uma solidariedade, há uma reciprocidade, que é aquilo que eles nos podiam ensinar de melhor. Eu

Eu digo a vocês que nos fazendo aqui agora será o nos dias que virão

Velho Kayapó, no filme Os Kayapós Saindo da Floresta, de Michael Beckham, 1989.

nunca vi uma mãe índia bater num filho. Nunca vi um índio brigar a tapas com outro índio. Eles sabem conviver como nós não sabemos, e sabem outras coisas. Acho que é por isso que eu fiquei tantos anos lá, junto com eles.

Têm uma vontade de beleza que é manifes-

ta. Qualquer coisa que o índio faça, uma fleixa, um arco, uma canoa, ele põe muito mais perfeição formal do que é necessário para que aquela canoa funcione. Porque a canoa se parece com ele. Qualquer pessoa que olhe diz: 'Ah! Essa canoa é de fulano, foi ele quem fez'. Eles reconhecem os objetos como nós reconhecemos a caligrafia.

Então, essa gente é capaz de dar tantas lições de solidariedade, de sabedoria. Essa gente que sabe a natureza detalhadamente. Nós chegamos ontem. Não sabemos nada! Chamamos toda árvore de pé de pau. O índio sabe detalhadamente os nomes de tantas coisas, as serventias delas, os sons, os usos, as belezas, as épocas, e esta sabedoria milenar foi o que permitiu ao Brasil existir. Foi com eles que aprendemos o nome das coisas, o uso delas. E hoje o que estamos fazendo? Documentando, como acontece neste livro, com medo de estarmos registrando as últimas formas, porque é terrível a ameaça que pesa sobre os índios, neste continente, neste país."

□ DARCÝ RIBEIRO

Depolimento a Gloria Malavoglia, gravado em 19/06/91.



A área Yanomami, que se estende por Roraima e Amazonas, abriga 150 comunidades com suas habitações coletivas (malocas).

Ailton Krenak, embaixador do índio brasileiro. Ele coordena a União das Nações Indígenas (UNI), um conselho que reúne 180 tribos, uma aliança de várias etnias que falam diferentes línguas, em diversas regiões. Aqui, a foto de um menino, na capa de um livro, traz evocações ancestrais ao líder indígena. Para Krenak, um olhar pode contar toda a história de seu povo.

A RESPEITO DE UM OLHAR

O lha o mundo! Lendo o mundo. Eu senti assim: Desde o primeiro dia que eu vi esta foto, ela me deu o sentimento de um olhar pousado sobre o mundo, de uma

antigüidade ancestral; dessa memória do mundo da qual, às vezes, eu falo, mas que é difícil de explicar — essa memória da totalidade do mundo. A memória que guarda o olhar dessa criancinha é como a água que, durante muitas e muitas gerações, vem passando dentro do leito de um rio — um rio de antigüidade muito grande. Você vê: o rio está ali, a água está passando, mas nunca é a mesma água que está passando mas é sempre o mesmo rio. Então esse menininho está olhando o mundo, por um breve instante, como durante muitas e muitas gerações, ali na margem do rio, o povo dele olhou o mundo, sem susto, sem expectativa, calmamente. Essa antigüidade é que estão removendo quando tiraram o nosso povo dos seus lugares antigos; disso que é sua memória da antigüidade.

A memória da antigüidade não está no museu, não está numa caixa de bronze guardada no arquivo público, não está lá na biblioteca do Congresso. Ela está viva, no olho de uma criancinha que durante milhares de anos, através de seus antepassados, olhou suavemente o mundo. O sol de manhã, a cada manhã, não tem o mesmo frescor e a mesma beleza que tem desde a sua mais antiga aparição, iluminando a terra? A brisa da manhã, o vento... ele não traz a vida como se estivesse renascendo naquele exato momento? A antigüidade é assim mesmo, a antigüidade é desse jeito, ela é nova. A antigüidade é cheia de orvalho. É essa antigüidade que eu busco, e da qual eu ficou querendo lembrar, porque ela é a chave para um povo entender como ele pode viver num determinado lugar do mundo e como este lugar pode estar equilibrado; como esse povo pode ter uma perspectiva própria de vida, organizar a sua arquitetura, a sua arte, o seu conhecimento, a sua saúde, a sua economia, como, assim, com essa memória, com essa antigüidade, ele consegue fazer um desenho bonito do mundo que ele quer, do mundo que ele pensa. Mas quando essa antigüidade é quebrada por dentro, quando ela é fraturada, nós temos a realidade de um país em desencontro consigo mesmo, como o Brasil. O Brasil todo dia tromba com ele mesmo, porque soterra a sua antigüidade a cada manhã. A cada manhã o Brasil enterra um pedacinho da memória dele mesmo, insatisfeito com a imagem que ele tem, insatisfeito com a sua aparência. Enquanto persistir, enquanto curar essa fratura na raiz do Brasil, isso aqui vai ser um acampamento, mas nunca vai ser uma Nação. Uma Nação não é isso.

Uma Nação é onde tem um rio que corre, que alimenta a cada manhã a visão que este povo tem de si mesmo, que reelabora a sua tradição, a sua vontade de ser e de se fazer um povo. Ai está a semente de uma Nação.

É preciso que a sociedade brasileira se conscientize. Estamos assistindo à destruição da cultura indígena, assistindo à destruição das florestas, dos recursos naturais, constatando a morte cultural desse novo povo. Abra o livro em qualquer parte e você vai ter afirmações de tudo e de onde é que está acontecendo o desastre ambiental no Brasil e o genocídio de pequenos grupos que não tem capacidade de resistência e que estão desaparecendo. Neste livro você está falando do desaparecimento não só de gente e de culturas, mas falando do desaparecimento de espécies nativas — de florestas, de rios, de mananciais, de cabeceiras, de córregos, de cachoeiras. Eu acho que é um grande documento pa-

ra as pessoas poderem entender um pouco do que está acontecendo aqui. Antes de ficar falando sobre questões globais, antes de convidar o Bush para a conferência de 92, o Presidente da República precisava ler este livro.

"Cada pessoa tem seu sentido de ver. Gosto de fazer as coisas da mata, da floresta."

Silv Kaxinãwa, índio do Rio Jordão, cameraman da Fundação Cultural do Acre.

É muito bom. A atualidade deste livro, que me tocou na hora em que o olhei, é a sua eloquência, pois ele abarca o pensamento de gente, de povo, de pessoas que andam e que vivem neste território que chamam de Brasil — pegando toda esta extensa faixa, que vem do sertão, de São Paulo atravessando o Mato Grosso, subindo para Rondônia, entrando no Amazonas, vazando lá no Amapá, lá em Roraima. Aqui estão os Yanomami, os Maku-

xi, os Krenak, Kaiapó, Xikrin, Surui, Gavião... os Irmãos Villas-Boas — Cláudio e Orlando — Sidney Possuelo, Darcy Ribeiro. Tanta gente com conhecimento e com notícias de qualidade tão diferente e com um

olhar tão particular sobre a realidade deste país, que eles até viram o país de cabeça para baixo! Então eu acho que, sem ter tido a pretensão de ser um relatório sobre meio ambiente, sem ecologizar, esse livro deve ser oferecido mesmo como um guia para entender um pouco do que está acontecendo no Grande Garimpo Brasil Novo. Para entender o Garimpo Brasil Novo era bom as pessoas darem uma olhada neste livro. Você pode abri-lo em qualquer parte, em qualquer lugar. É isso que eu sinto mesmo...

□ AILTON KRENAK

Depolimento a Gloria Malavoglia, gravado em 17/06/91.

São Paulo, 29 de Junho de 1991

Ex. Sr.
Presidente da República

É um dia cinzento de outono em São Paulo. Falta luminosidade. Tudo, até o passado, está envolto num ar triste, nostálgico. Pensamentos que regressam a um passado que jamais voltará. Nem para mim, nem para aqueles que povoam minha memória. A grande floresta verde, úmida, era um lugar em que me sentia à vontade. Era um lar. Um lugar sem tempo, fluído, eterno. E justamente deste sentido de eternidade que para mim vem sua atração. Fundir-me com o tempo me traz paz.

Eram caminhadas sem fim. Um pequeno grupo de gente que pisa na eternidade, no tapete verde de folhas caídas, uma terra sem começo nem fim. Eram eles, era eu, constituindo um mundo em si, uma fronteira sem limites. Era o todo, a vida era morte, um recomeçar sem fim, o infinito. A totalidade milenar.

Neste universo vive um povo: os Yanomami. Eles mesmos dizem "nós somos a gente", acreditando ser o povo eleito envolto pela grande floresta tropical, perfeitamente adaptados ao mar verde, ao berço da humanidade.

Talvez esteja sonhando, não participei desta caminhada, nem vivi neste mundo num determinado momento de minha vida. Hoje tudo parece longínquo. Pouco importa. O fato é que dentro de mim está viva esta recordação de comunhão compartilhada. Ela existe. E o que todos buscamos, de uma maneira ou de outra, a reminiscência do lar primordial, atávica no umbigo do mundo, da grande mãe terra, sem a qual é difícil entender o sentido da vida. E o mundo em que o homem quer se reencontrar como ser humano, parte integrante de tudo o que é vivo.

Vamos salvar os Yanomami, seu mundo, sua floresta, montanhas e rios. Quero andar com eles na penumbra da tarde, debaixo das copas do mar verde, chegar ao igarapé. Lá, perto da água, antes do anoitecer, construir abrigos para a noite. Quando escurecer, deitados nas redes perto dos fogos, escutaremos juntos as conversas descontraídas de um e de outro. Cobertas pelas copas das árvores, somente se adivinham as estrelas e a lua. A noite aqui é escura, um manto verde que nos abriga. Os pirlampos iluminam a floresta sombria e as luzes cintilantes de milhares de microorganismos, os fungos, crescem em cima da folhagem morta do mato, é a vida. E um tapete brilhante no meio do qual balança um pequeno grupo de gente deitada em suas redes, esperando adormecer. O calor das fogueiras reconforta os corpos desnudos. É a hora de dormir. Esse sonho, que é realidade, existe. Ele tem que ser preservado.

Na última década, milhares de homens sem escrúpulo invadiram as terras imemorais dos Yanomami, sem se preocupar em entender que esta invasão traria morte aos Yanomami, sem entender que o Homem necessita saber que a eternidade existe, que eu faz parte de nosso íntimo, de nosso sentido de vida. O Yanomami é homem com direito à vida. Os garimpeiros, em busca de ouro e cassiterita, começaram a aniquilar o povo Yanomami, envenenar a água cristalina das nascentes dos rios, destruir a floresta para tirar de suas entranhas o metal amarelo.

Acabar com os Yanomami é como destruir a nós mesmos, renegar o âmago do sentido mais profundo de se sentir gente.

Sr. Presidente Collor, o mundo está atento à sobrevivência dos Yanomami, à preservação de seu lar milenar, sua floresta, o Urihi, povoado com os hekuraipé, os espíritos, capazes de viajar até o sol, alcançar a lua, sustentar o céu pra que não caia e esmague este nosso mundo.

CLAUDIA ANDUJAR

O primeiro encontro de Cláudia Andujar com a comunidade Yanomami, em 1971, fez com que ela abandonasse sua carreira de fotógrafa

de moda e voltasse os olhos e a objetiva de sua câmara para a causa indígena. Esse contato iniciou uma convivência de 20 anos. Cláudia integra a

Comissão pela Criação do Parque Yanomami (ICCPY) e participou da manifestação O Índio/Entem, Hoje, Amanhã, no Memorial da América Latina, com

um documentário sobre o extermínio dos Yanomami. As fotos desta página registram etapas da convivência de Cláudia com essa comunidade.